

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
ASSINATURA: Lisboa, mês 750; Província  
3 meses 2250; Africa Portuguesa, 6 meses  
5400; Estrangeiro, 6 meses 6000.

# A BATALHA

Redacção, Administração e Tipografia:  
CALÇADA DO COMRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 5339 CENTRAL  
Officinas de Impressão e Estilografia:  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-fei-  
ras.—Não se devolvem os originais.—Os arti-  
gos publicados são responsabilidade dos seus autores.

TERÇA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 1924

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1831

## OS FESTEJOS DO ARMISTÍCIO

Celebra-se hoje o 6.º aniversário da assinatura do armistício. Essa comemoração apresenta-se com um carácter festivo.

Considerado apenas o facto do terminar da carnificina da guerra, o armistício representou incontestavelmente uma vantagem. Apenas o que há a frisar é que podendo a guerra ter terminado mais cedo se iam os elementos militaristas que a prolongaram que, agora se arvorem em festejadores da paz.

Quanto ao resto, sob o ponto de vista económico, a situação não melhorou em tempo de paz sobre o que era no tempo da guerra. Sob esse ponto de vista não há nada a festejar. Há, pelo contrário, a lamentar a crise pavorosa a que políticos, industriais, comerciantes e alta finança nos levaram com as suas ambições desmedidas, as suas especulações ignóbeis. A vida após a guerra, em vez de baratear, encareceu. Não há razão para deitar foguetes. No entanto são precisamente as classes dominantes que exploraram a população, que quasi a mataram a fome, quem agora promovem as festas, como se com elas quizesse fazer convencer o povo que tem sofrido uma vida de dificuldades que, afinal, tudo isso é um ceu aberto de felicidades.

Quando o armistício se assinou logo foi proclamado que a vida económica se iria normalizar, que os géneros de primeira necessidade iriam baixar. Porém nada disso aconteceu. Nos primeiros dias ainda o pânico fez baixar alguns géneros; depois os comerciantes convenceram-se de que os consumidores podiam continuar a suportar os preços elevados e a baixa parou e dentro em pouco os géneros começaram a subir vertiginosamente. Desde então tem sido um regabofe para todos os exploradores que se não esquecem de atribuir ao encarecimento da mão de obra o encarecimento desses géneros, como se não fosse após o encarecimento da vida que se reclama aumento de salário e como se o salário não tivesse ficado sempre muito à quem do custo da vida.

No momento presente em que a vida não baixou tenta-se fazer baixar o salário. O caso de Guimarães é típico. O patronato fez uma redução de salário sem aliar reduzir o preço dos produtos que esses operários fabricavam.

Ao passo que as reclamações operárias se seguiram sempre ao encarecimento dos géneros, agora os industriais, que já têm matérias primas mais baratas, combustível mais barato, pela alta da divisa cambial, pretendem fazer baixar o salário antes de baixarem eles o preço dos géneros. O mesmo facto se dá com os comerciantes; quando a libra subia logo eles elevavam o preço dos géneros, mesmo aqueles que tinham comprado com a libra mais baixa; agora que a libra desce mantêm os preços altos, alegando que os compraram caros, como se com os escudos que recebem não tivessem agora uma possibilidade de aquisição muito maior para renovar os seus fornecimentos.

Vê-se, pois, que a situação criada pelo armistício só tem aproveitado à classe burguesa. Essa tem, pois, toda a razão de festejar o armistício, visto que depois dele ganhou ainda mais do que tinha ganho durante a guerra. E festejando-o, ela fá-lo com tanta consciência que seria capaz de, por ganância, desencadear uma nova guerra.

Este é o principal motivo porque o operariado se não encontra hoje ao lado dos festeiros colaborando nessa manifestação de que inteiramente se desinteressa.

## O Suplemento de A BATALHA

Foi ontem pôsto à venda mais um número do Suplemento semanal literário e ilustrado de A Batalha cujo sumário é como segue: *Carta a um industrial sobre a crise de trabalho e os perigos da redução de salários; A declaração ministerial e o suborno da imprensa; A prostituição regulamentada, pelo dr. Arnaldo Brazão; Entrevista com uma capa a propósito do conflito dos estudantes dos liceus; Os grandes compositores: Schumann e Chopin, por Nogueira de Brito (com retratos); O piano desdentado por Ferreira de Castro; Histórias dum vagabundo: O enforcado de Sandomir por Vasco da Fonseca; A situação da mulher através das idades por José Carlos de Sousa; O que todos devem saber... Chico, Zecas e C... Colaboração artística de António dos Santos, Alfredo Cândido, José Neto e Stuart Carvalhais.*

## Os povos de Alares, Cegonhas e Co-beira, vítimas duma burla

Uma família de ricos que reivindica direitos feudais e pretende expulsar três povos das suas terras

O carro deixou a cidade e tomou pela longa e branca estrada, orlada de eucaliptos sombrios e altos, que conduz a terras de Espanha. A manhã era enevada e ameaçadora; no horizonte amplo que se perdia muito longe no cume das serranias azuis, flutuavam grandes nuvens, leves e brancas, umas, como algodão em rama; e outras, pesadas, outras, anunciando chuva. O nosso carro rolou por muito tempo na estrada silenciosa. Ao longe, no sopé da serra da Guardunha, um edifício claro brilhava batido por uma resta de sol — era o edifício vasto do antigo colégio de São Fiel. Para trás, a cidade de Castelo Branco, estridida na encosta dum pequeno monte, sumia-se lentamente na neblina.

O carro rodava sempre, ao passo cadenciado das suas rodas doces e os nossos olhos curiosos procuravam nas grandes propriedades que nos cercavam sinais de agricultura. Tudo árido, tudo abandonado à pastagem dos grandes rebanhos que de quando em vez, nos surdium numa curva da estrada, trotando ao som rítmico dos chocalhos que entoavam uma canção doce e monótona.

E o carro seguia sempre. Havia mais de oito leguas a percorrer e o Tavares, que tocava as rédeas, não queria perder um minuto. Já ficara para a rectaguarda uma aldeia, sumida entre arvoredos frondosos — Escalas de Baixo — e não estavam longe de outra povoação maior — Ladoeiro — onde, descaíramos um pouco. Pela direita, numa encosta longínqua, aparecia-nos Montforte, e no extremo oposto, para cá de Monsanto da Beira Baixa, onde, como em Lisboa, foi replantada por momentos a monarquia, espregueava-se entre verduras viçosas a vila de Idanha-a-Nova.

Agora deixávamos a estrada protegida de eucaliptos elegantes e atravessávamos por um caminho rudimentar terras silenciosas onde não aparecia vivência. Lá de longe em longe, num cais, ladrava um molosso de má catadura. Depois o silêncio e o abandono, por essas terras imensas e mal aproveitadas...

Quando a tarde declinava, deu o carro em descer uma encosta íngreme no fundo da qual corria um rio de águas barrentas e lodosas — o Aravil. Em breve nos transportávamos através do rio, a vau, para a outra margem.

### Um mundo novo

Para lá do Aravil outro mundo começava. De um e outro lado do caminho a terra lisa e verdejante, acarinava no seu seio a sementeira de pão. Flutuava na atmosfera estática daquele entardecer um quê de paz e tranquilidade. Estávamos em terras da povoação de Cegonhas, onde factos extraordinários e lamentáveis se têm produzido neste últimos tempos. Breve descreitámos, recolhidos entre encostas amanhadas, alguns tetos de colmo e telha vã. O termo da viagem estava próximo.

O carro entrou aos solavancos na rua principal do lugar de Cegonhas. Fugiram suínos e galinhas, grunhindo e cacarejando. Um magote de compeones e de mulheres de trajos barrentes aguardava-nos de olho desconfiado.

Descemos. As pernas trêpicas de um dia de viagem hesitaram no terreno enlameado. Preguntamos por um nome e logo várias bocas responderam ao mesmo tempo.

Apolinário Gardete que procurávamos, mandou-nos entrar em sua casa, enquanto sua mulher, a tia Inês, acanhada pela nossa visita e lamentando que Cegonhas não fosse «terra de providências», se ia à lida a preparar-nos a ceia.

Apolinário faz-nos sentar nas cadeiras de palha da região. E os nossos olhos constatarem com alegria o asseio que reinava em toda a casa, desde as paredes caiadas ao chão de lagedo gresto.

### De há trzentos e tal anos

Apolinário Gardete é analfabeto, mas explica-se bem, num português mais puro do que o de muitos doutores.

Ali, naquela região, sobre três léguas de comprimento, que vão do Aravil ao Tejo, e outras tantas de largura vivem há mais de trezentos anos, três povos, a saber: Cegonhas, Alares e Coibeira. Formam hoje as três povoações reunidas uns duzentos fogos, ou seja para cima de 1.200 pessoas.

Durante muitos anos — diz-nos Apolinário — os três povos foram pagar os foros ao Estado que nesse tempo, segundo contavam os nossos avós e bisavós, constavam de três pedras de linho (três quilos pouco mais ou menos), quatro galinhas e 1.200 réis em dinheiro.

— Bons tempos... — comentámos.

— Bons tempos — prosseguiu o camponês. — Primeiro iam pagar o foro a Salvaterra, depois a Segura, Rosmaninhal e por fim a Idanha a Nova. Há sessenta anos, para mais e não para menos, em Idanha recusou-se o Estado a receber os foros.

— Porquê?

— Não sabemos. Coisas passadas há tanto tempo... Deprendemos que o Estado atribua aos três povos a posse definitiva dos terrenos.

Um grupo de camponeses que, curioso, se formara à porta da casa da tia Inês, comentava as palavras de Apolinário, com sinais afirmativos de cabeça.

A tia Inês trouxe-nos a ceia fumegante e apetecida. — A noite caíra, envolvendo tudo numa sombra densa. E a luz dum lamparina de azeite que tremeluzia, pendente de uma parede, a conversa continuou.

### Um visconde que cai do céu...

Durante seis anos estiveram os povos sem pagar os foros. Nesse meio tempo apareceu no monte da Coibeira um homem que ali se refugiara da acção da justiça de Castelo Branco, e que se intitulava visconde de Mourão.

— Hospitaleiramente tratado pelo povo da

quele lugar, o visconde, durante o tempo que ali se conservou, inteirou-se do que havia em relação aos foros. Modificou-se a sua situação e abandonou o refúgio, voltando mais tarde a dizer-se dono daqueles foros e que, portanto, teriam os povos de pagar-lhe o que anteriormente entregavam ao Estado.

— E os povos?

— Confrontaram-se — disse Apolinário — e durante sessenta anos foram pagando àquele titular e seus herdeiros os foros pontualmente. Há tempos, porém, surgiu um conflito. Os últimos herdeiros dos foros pretendiam que os povos lhes pagassem sessenta moios de trigo. Achámos violento e, discussão para aqui, discussão para acolá, convencionou-se que os povos lhes comprassem os terrenos.

— E aceitaram?

— Sim, aceitaram. Um dos herdeiros, o sr. José Mourão, vendeu-nos a sua parte.

— E os outros?

— Os outros, representados pelo sr. António Mourão, aceitavam também. Com este senhor tivemos uma longa conversa sobre a venda dos terrenos, ao cabo da qual o sr. Mourão disse que o povo de Cegonhas podia ir lá tratando de medir e dividir a terra para se saber com quanto teria de entrar cada um e para depois, num dia que marcou, se assinar a escritura.

### Do inferno ao paraíso

Apolinário passa a mão pela testa, num gesto de quem se esquecera de alguma coisa:

— Ah! — lembrou ele — antes de se chegar a este acordo, o nosso advogado, quando surgiu o conflito, propôs aos foros três atitudes a tomar: venderem os foros pelo preço da lei aos povos dos montes; receberem os antigos foros ou pagarem as benfeitorias e ficarem com os terrenos.

— Não há dinheiro que pague as benfeitorias. Quando os povos para aqui vieram, tudo isto era matagal. Durante anos construímos casas, amanhámos a terra, criámos uma quantidade enorme de azeitivas, fizemos deste inferno o paraíso lindo que aí se vê. Tudo aproveitado, tudo cuidado com um carinho e amor, que nós custáramos canseiras enormes, a nós e aos nossos antepassados.

— Mas — interrompem — íamos no dia marcado para assinar a escritura.

— E' verdade — contou o nosso entrevistado — no dia fixado lá estavam os representantes de Cegonhas para assinar a escritura, mas o sr. António Mourão não apareceu.

Esperámos-lo durante três dias, enviámos-lhe telegramas chamando-o — e nada. Soubemos depois que tinham vendido os montes ao povo do Rosmaninhal, que não plantou aqui uma árvore, que não lavrou um hectare de terreno, sequer.

— Mas entendem que a família Mourão é a legítima possuidora das terras? — interrogámos.

— Não. Nós quizesmos comprar-lhes os montes, embora eles não sejam os legítimos possuidores, para definitivamente assegurarmos a nossa posse do que já nos pertencia pelo trabalho e por mais de trezentos e sessenta anos de permanência.

— E como pôde o povo do Rosmaninhal arranjar dinheiro para comprar os montes?

— Foi um *truc* dos ricos, dos grandes proprietários daquela localidade. Como não tinham força de lei para nos expulsar destas terras que ambicionam, enganaram o povo do Rosmaninhal, emprestando dinheiro a mais de seiscentas pessoas daquele local a fim de comprarem aos herdeiros Mourão o que estes não deviam vender.

Esses compradores, incitados pelos grandes, julgam-se, com direito aos montes, e invadem estas povoações a fim de nos expulsarem.

— Pobre povo do Rosmaninhal — comentámos.

— Sim — disse Apolinário — pobre povo que se deixou cair num laço, servindo os interesses dos grandes proprietários que pensam em roubar-lhe mais tarde as terras que hoje o incitam a conquistar.

Em seguida Apolinário enumerou, um a um, os monstruosos atentados que o iludido povo do Rosmaninhal tem praticado contra aquela gente.

## O Congresso de Tomar

Até à hora de fecharmos o nosso jornal não recebemos notícia do Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles que devia ter-se inaugurado anteontem em Tomar.

## Setúbal... monarquizado

Faz pena constatar que Setúbal a chamada Barcelona portuguesa suportou uma manifestação de reacção monárquica. Embora na própria Barcelona o elemento clerical e reacção tenha sido sempre poderoso e a isso se deve o assassinio de Ferrer, a verdade é que Setúbal só de Barcelona imitava o seu acentuado espírito revolucionário.

A que se deve pois esta como que trans-formação? Porque é que Setúbal não continuou as suas tradições revolucionárias?

E' difícil apurar com precisão qual a razão do facto. Em todo o caso, sabemos que uma parte dos antigos militantes entrou na classe do patronato e que a maioria dos pescadores se tornaram proprietários de cercos de pesca em vez de se ter criado uma socialização por conta da organização operária, não é muito para extranhar o enfraquecimento do espírito revolucionário.

Que isto sirva de lição a todo o operariado para se não deixar arrastar pela ideia de propriedade, pondo de parte os seus ideais de libertação integral.

— Hospitaleiramente tratado pelo povo da

## Os mártires de Chicago

Recordando os fusilamentos de Chicago, cujo 37.º aniversário hoje passa, o grupo anarquista *O Semeador* envia-nos um artigo comemorativo desta efeméride operária que com muito prazer publicamos.

Desencadeava-se uma greve; os grevistas haviam-se reunido em comício; alguém, sem dúvida nenhuma instigado pelos que tinham interesse em tornar odioso o movimento, lançou uma bomba sobre um destacamento de polícia que canibalescamente investia contra os que reclamavam justiça dum forma pacífica. O capitalismo assustara-se com a manifestação; necessário era debelar as rebeliões dos explorados; encabeçou-se um plano de feras para inutilizar o protesto dos trabalhadores, tolher a marcha das reivindicações do operariado, aniquilar as ideias libertárias. Aquela bomba foi o primeiro gesto do capital, e aproveitando o pânico e a confusão que se estabeleceram fizeram-se várias prisões e entre os visados pelo ódio burguês, foram atingidos, pela sanha policial, 3 militantes anarquistas que nem sequer se encontravam no local do atentado. Presos os desgraçados, foram submetidos a uma farça de tribunal preparada expressamente para o caso, na qual houve de tudo: testemunhas falsas, jurados vendidos, juizes assassinos.

Em virtude deste julgamento iníquo e torpe, dois dos réus foram condenados a trabalhos forçados por toda a vida — Samuel Fielden e Miguel Schwab; o terceiro a 15 anos de prisão — Oscar Neebe; quatro foram enforcados em 11 de Novembro de 1887 — Alberto Parsons, Adolfo Fischer, Jorge Engel e Augusto Spies; o oitavo, Luís Lingg, fugira à vindita burguesa, suicidando-se na prisão, no dia anterior.

A burguesia bateu palmas! podia dormir sossegada! desembaraçara-se por, um *truc*, de bandidos, de 3 homens de valor, inocentes do atentado, mas que convinha ao capitalismo dos *trusts* americanos eliminar do número dos vivos a fim de que pudesse ter o sono tranqüilo e prosseguir no esmagamento da liberdade.

Como os cálculos lhe saíram errados! Em 1893 o governador do Estado de Illinois, revendo o processo, descobriu toda a infame trama do crime burguês e teve a onrabilidade de proclamar a inocência dos condenados, dando a liberdade aos que ainda eram vivos!

Reconheceu-se que a burguesia planeava uma tremenda injustiça e que as autoridades, servindo os interesses dos bandidos da finança, conscientemente assassinaram inocentes!

E a ideia anarquista não sucumbiu, antes criou maior alento para prosseguir na verdade que conduz à felicidade dos homens!

Honremos a memória dos mártires de Chicago!

## A fraude legalizada

Até ao dia 15 a Moagem não pesa o pão por ordem do ministro da Agricultura

O sr. ministro da Agricultura deve ter, politicamente e ministerialmente, como lema de proceder, esta máxima: *para amigos, mãos rotas...*

Realmente, o favor que ele, ultimamente, fez à Moagem, pertence ao número dos favores que só a grandes amigos, a amigos íntimos, a amigos de infância se costumam fazer...

A Moagem deve ao ministro o grande favor de não pesar o pão. Isto de se dizer comprei um pão de queijo, ou adquiri um pão de meio quilo, não passa dumha fantasia inofensiva e alucinada. O sr. ministro ordenando que até ao dia 15 se não verificasse o peso do pão, deu à Moagem o direito de arbitrar a própria ao abrigo da legalidade, a percentagem do roubo a crescer à sua percentagem de lucro que é também um roubo e revoltante.

O pão — é o que o Moagem quizer. Isto é que é ser amigo.

Porque será que se sucedem no poder os amigos da Moagem e nunca lá surge um autêntico, um verdadeiro, um inofensivo amigo dos consumidores? Será por estes serem antipáticos? Não é crível. Ninguém é mais naturalmente simpático à força de ser vítima. Será por eles serem pobres? Deve ser isso. Ouvimos algures que os pobres nunca têm amigos...

Rorque extranha coincidência a Moagem e o sr. Torres Garcia são amigos de infância? Esta pergunta só encontra resposta na ordem dada para ser legalmente consentido à Moagem o roubo no peso do pão até ao dia 15. Se calhar ainda se vem a prolongar o prazo.

O Grupo de Acção e Defesa dos Consumidores na sua última reunião continuou ocupando-se das instruções dadas às esquadras para que até ao dia 15 não sejam atendidas as reclamações do público por falta de peso, registando o grupo com pesar o indiferentismo com que os consumidores aceita estas e outras provocações, e a falta de apoio que alguns dos seus membros têm encontrado nos protestos, por enquanto, ordeiros, que têm tentado nos bairros populares, sendo extraordinária esta espécie de solidariedade entre roubados e ladrões.

A que se deve pois esta como que trans-formação? Porque é que Setúbal não continuou as suas tradições revolucionárias?

E' difícil apurar com precisão qual a razão do facto. Em todo o caso, sabemos que uma parte dos antigos militantes entrou na classe do patronato e que a maioria dos pescadores se tornaram proprietários de cercos de pesca em vez de se ter criado uma socialização por conta da organização operária, não é muito para extranhar o enfraquecimento do espírito revolucionário.

Que isto sirva de lição a todo o operariado para se não deixar arrastar pela ideia de propriedade, pondo de parte os seus ideais de libertação integral.

— Hospitaleiramente tratado pelo povo da

quele lugar, o visconde, durante o tempo que ali se conservou, inteirou-se do que havia em relação aos foros. Modificou-se a sua situação e abandonou o refúgio, voltando mais tarde a dizer-se dono daqueles foros e que, portanto, teriam os povos de pagar-lhe o que anteriormente entregavam ao Estado.

— E os povos?

— Confrontaram-se — disse Apolinário — e durante sessenta anos foram pagando àquele titular e seus herdeiros os foros pontualmente. Há tempos, porém, surgiu um conflito. Os últimos herdeiros dos foros pretendiam que os povos lhes pagassem sessenta moios de trigo. Achámos violento e, discussão para aqui, discussão para acolá, convencionou-se que os povos lhes comprassem os terrenos.

— E aceitaram?

— Sim, aceitaram. Um dos herdeiros, o sr. José Mourão, vendeu-nos a sua parte.

— E os outros?

— Os outros, representados pelo sr. António Mourão, aceitavam também. Com este senhor tivemos uma longa conversa sobre a venda dos terrenos, ao cabo da qual o sr. Mourão disse que o povo de Cegonhas podia ir lá tratando de medir e dividir a terra para se saber com quanto teria de entrar cada um e para depois, num dia que marcou, se assinar a escritura.

— Mas entendem que a família Mourão é a legítima possuidora das terras? — interrogámos.

— Não. Nós quizesmos comprar-lhes os montes, embora eles não sejam os legítimos possuidores, para definitivamente assegurarmos a nossa posse do que já nos pertencia pelo trabalho e por mais de trezentos e sessenta anos de permanência.

— E como pôde o povo do Rosmaninhal arranjar dinheiro para comprar os montes?

— Foi um *truc* dos ricos, dos grandes proprietários daquela localidade. Como não tinham força de lei para nos expulsar destas terras que ambicionam, enganaram o povo do Rosmaninhal, emprestando dinheiro a mais de seiscentas pessoas daquele local a fim de comprarem aos herdeiros Mourão o que estes não deviam vender.

Esses compradores, incitados pelos grandes, julgam-se, com direito aos montes, e invadem estas povoações a fim de nos expulsarem.

— Pobre povo do Rosmaninhal — comentámos.

— Sim — disse Apolinário — pobre povo que se deixou cair num laço, servindo os interesses dos grandes proprietários que pensam em roubar-lhe mais tarde as terras que hoje o incitam a conquistar.

Em seguida Apolinário enumerou, um a um, os monstruosos atentados que o iludido povo do Rosmaninhal tem praticado contra aquela gente.

Até à hora de fecharmos o nosso jornal não recebemos notícia do Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles que devia ter-se inaugurado anteontem em Tomar.

Faz pena constatar que Setúbal a chamada Barcelona portuguesa suportou uma manifestação de reacção monárquica. Embora na própria Barcelona o elemento clerical e reacção tenha sido sempre poderoso e a isso se deve o assassinio de Ferrer, a verdade é que Setúbal só de Barcelona imitava o seu acentuado espírito revolucionário.

A que se deve pois esta como que trans-formação? Porque é que Setúbal não continuou as suas tradições revolucionárias?

E' difícil apurar com precisão qual a razão do facto. Em todo o caso, sabemos que uma parte dos antigos militantes entrou na classe do patronato e que a maioria dos pescadores se tornaram proprietários de cercos de pesca em vez de se ter criado uma socialização por conta da organização operária, não é muito para extranhar o enfraquecimento do espírito revolucionário.

Que isto sirva de lição a todo o operariado para se não deixar arrastar pela ideia de propriedade, pondo de parte os seus ideais de libertação integral.

— Hospitaleiramente tratado pelo povo da

quele lugar, o visconde, durante o tempo que ali se conservou, inteirou-se do que havia em relação aos foros. Modificou-se a sua situação e abandonou o refúgio, voltando mais tarde a dizer-se dono daqueles foros e que, portanto, teriam os povos de pagar-lhe o que anteriormente entregavam ao Estado.

— E os povos?

— Confrontaram-se — disse Apolinário — e durante sessenta anos foram pagando àquele titular e seus herdeiros os foros pontualmente. Há tempos, porém, surgiu um conflito. Os últimos herdeiros dos foros pretendiam que os povos lhes pagassem sessenta moios de trigo. Achámos violento e, discussão para aqui, discussão para acolá, convencionou-se que os povos lhes comprassem os terrenos.

— E aceitaram?

— Sim, aceitaram. Um dos herdeiros, o sr. José Mourão, vendeu-nos a sua parte.

— E os outros?

— Os outros, representados pelo sr. António Mourão, aceitavam também. Com este senhor tivemos uma longa conversa sobre a venda dos terrenos, ao cabo da qual o sr. Mourão disse que o povo de Cegonhas podia ir lá tratando de medir e dividir a terra para se saber com quanto teria de entrar cada um e para depois, num dia que marcou, se assinar a escritura.

— Mas entendem que a família Mourão é a legítima possuidora das terras? — interrogámos.

— Não. Nós quizesmos comprar-lhes os montes, embora eles não sejam os legítimos possuidores, para definitivamente assegurarmos a nossa posse do que já nos pertencia pelo trabalho e por mais de trezentos e sessenta anos de permanência.

— E como pôde o povo do Rosmaninhal arranjar dinheiro para comprar os montes?

— Foi um *truc* dos ricos, dos grandes proprietários daquela localidade. Como não tinham força de lei para nos expulsar destas terras que ambicionam, enganaram o povo do Rosmaninhal, emprestando dinheiro a mais de seiscentas pessoas daquele local a fim de comprarem aos herdeiros Mourão o que estes não deviam vender.

Esses compradores, incitados pelos grandes, julgam-se, com direito aos montes, e invadem estas povoações a fim de nos expulsarem.

— Pobre povo do Rosmaninhal — comentámos.

— Sim — disse Apolinário — pobre povo que se deixou cair num laço, servindo os interesses dos grandes proprietários que pensam em roubar-lhe mais tarde as terras que hoje o incitam a conquistar.

Em seguida Apolinário enumerou, um a um, os monstruosos atentados que o iludido povo do Rosmaninhal tem praticado contra aquela gente.

Até à hora de fecharmos o nosso jornal não recebemos notícia do Congresso da Indústria de Calçado, Couros e Peles que devia ter-se inaugurado anteontem em Tomar.

Faz pena constatar que Setúbal a chamada Barcelona portuguesa suportou uma manifestação de reacção monárquica. Embora na própria Barcelona o elemento clerical e reacção tenha sido sempre poderoso e a isso se deve o assassinio de Ferrer, a verdade é que Setúbal só de Barcelona imitava o seu acentuado espírito revolucionário.

A que se deve pois esta como que trans-formação? Porque é que Setúbal não continuou as suas tradições revolucionárias?

E' difícil apurar com precisão qual a razão do facto. Em todo o caso, sabemos que uma parte dos antigos militantes entrou na classe do patronato e que a maioria dos pescadores se tornaram proprietários de cercos de pesca em vez de se ter criado uma socialização por conta da organização operária, não é muito para extranhar o enfraquecimento do espírito revolucionário.

Que isto sirva de lição a todo o operariado para se não deixar arrastar pela ideia de propriedade, pondo de parte os seus ideais de libertação integral.

— Hospitaleiramente tratado pelo povo da

quele lugar, o visconde, durante o tempo que ali se conservou, inteirou-se do que havia em relação aos foros. Modificou-se a sua situação e abandonou o refúgio, voltando mais tarde a dizer-se dono daqueles foros e que, portanto, teriam os povos de pagar-lhe o que anteriormente entregavam ao Estado.

— E os povos?

— Confrontaram-se — disse Apolinário — e durante sessenta anos foram pagando àquele titular e seus herdeiros os foros pontualmente. Há tempos, porém, surgiu um conflito. Os últimos herdeiros dos foros pretendiam que os povos lhes pagassem sessenta moios de trigo. Achámos violento e, discussão para aqui, discussão para acolá, convencionou-se que os povos lhes comprassem os terrenos.

— E aceitaram?

— Sim, aceitaram. Um dos herdeiros, o sr. José Mourão, vendeu-nos a sua parte.

— E os outros?

— Os outros, representados pelo sr. António Mourão, aceitavam também. Com este senhor tivemos uma longa conversa sobre a venda dos terrenos, ao cabo da qual o sr. Mourão disse que o povo de Cegonhas podia ir lá tratando de medir e dividir a terra para se saber com quanto teria de entrar cada um e para depois, num dia que marcou, se assinar a escritura.

— Mas entendem que a família Mourão é a legítima possuidora das terras? — interrogámos.

— Não. Nós quizesmos comprar-lhes os montes, embora eles não sejam os legítimos possuidores, para definitivamente assegurarmos a nossa posse do que já nos pertencia pelo trabalho e por mais de trezentos e sessenta anos de permanência.

— E como pôde o povo do Rosmaninhal arranjar dinheiro para comprar os montes?

— Foi um *truc* dos ricos, dos grandes proprietários daquela localidade. Como não tinham força de lei para nos expulsar destas terras que ambicionam, enganaram o povo do Rosmaninhal, emprestando dinheiro a mais de seiscentas pessoas daquele local a fim de comprarem aos herdeiros Mourão o que estes não deviam vender.

Esses compradores, incitados pelos grandes, julgam-se, com direito aos montes, e invadem estas

## NOS CÁRCERES DA REPÚBLICA

### A polícia julgada por um republicano

Única reacção contra esses seres repugnantes e destruí-los nos seus antros — afirma o dr. sr. Lopes de Oliveira

O dr. Lopes de Oliveira, um republicano do tempo da monarquia, deu ontem à *Epoca* uma entrevista, na qual faz declarações sobre a polícia que, sendo as mais desassombradas, são as mais verdadeiras.

Dessa entrevista destacamos a afirmação de que «milhares de cidadãos têm sido desde 1910 encarcerados, enovelados, espancados e mortos, nos cárceres da república».

A polícia, essa polícia de que todos os dias, os operários são vítimas, é assim classificada:

«Aperte as figuras mais representativas a polícia facinorosa do sr. Afonso Costa e a mesma polícia de Sidónio Pais, a mesma do sr. Antonio Maria da Silva, a mesma do sr. Caspar! É uma monstruosa fauna. Vem de toda a parte e vive em todos os meios. Adapta-se, transmuta-se, metamorfoseia-se. Mas, sobretudo o lódo, o enxurro e a imundície lhe são propícios».

São lhe propícias as águas turvas. Daí o promover, incessantemente, distúrbios, tumultos, intencionalmente, derramando intrigas, podridão e sangue».

O meio de evitarmos estes inimigos da liberdade de todos nós? O dr. Lopes de Oliveira é, a esse respeito, perentório:

«A única reacção contra estes seres repugnantes, é destruí-los nos seus antros. O habeas corpus varrerá o ar pestilencial do arbitrio. Sem este, sem o ambiente melfico dos pântanos morais onde prolifera a fauna imunda morrerá!».

Merecem transcrição estes bocadinhos de ouro:

«Verdadeiros bandidos exerceram ao abrigo do regime republicano a sua natural ferocidade. Loucos dirigiram os serviços policiais e, no governo, miseráveis pretendiam abolir todos os direitos individuais, de facto, numa contínua suspensão de garantias».

«Estes sinistros filhos da noite e do crime... esta gente não tem fé nem lei. Servem tudo e todos. E estabeleceram na confusão em que temos vivido, nesta permanente desordem legal aliança extranha de andróginos seres — *forma branca e forma vermelha, laços azuis e laços vermelhos, alimárias de agouro e morte*. Alternam-se, ora uns — ora outros, nas alforjas conspiratórias do governo civil. Parecendo combater-se, entendem-se às mil maravilhas. Vivem uns pelos outros. Sustentam-se mutuamente. Dão-se as mãos nas trevas».

«Há uma polícia negra, parte da qual se olha nos olhos e parte da qual rasteja nos canos de exgotos».

Não se pode ser mais claro, mais verdadeiro, nem mais explícito. Que admirar, pois, o grande número de operários que se encontra preso e incomunicável, sem ter praticado o menor delito, sem estar concretizado a mais ligeira acusação?

#### O rol das vilícias

Abílio Gomes está há 47 dias num calabouço do governo civil, que é um autêntico museu de imundície, sob a acusação de ter responsabilidades directas no atentado, há tempos praticado, no Hotel Francfort.

As responsabilidades não passam duma santa história, pois até hoje o furo do sr. Barbosa Viana ainda não foi capaz de defini-las. Parece-nos que 47 dias são demasiados tempo para um perdigueiro seguir um rastro, motivo porque sem mais delongas lançamos à conta das estupididades iniquidades que o sr. Barbosa Viana pratica para satisfazer um instinto que só no mal se compraz, que só povoando os calabouços se sente tranqüilo, refestelado e contente.

Estamos aqui a bradar no deserto, pois que o sr. Barbosa Viana prende sem dar contas a ninguém — é todo poderoso devido à falta de respeito que os alarves ministeriais do Terreiro do Paço nutrem pela liberdade individual.

#### Uma descoberta sensacional

A polícia fez uma sensacional descoberta: a existência dum russo em Lisboa, isto é, numa cidade onde existem vários russos, burgueses uns, proletários outros. Para comemorar essa descoberta, em vez de se «empiteirar» prendeu Salomão Bonine pô-lo incomunicável, sustentando que sobre ele recaem suspeitas de intromissão directa nos últimos atentados dinamitistas.

É claro que não há suspeitas de qualidade alguma. Salomão Bonine vive aqui há meses, fazendo vida pacata, sustentando-se do que ganha como estivo. Nem os atentados têm nada com ele, nem ele tem nada com os atentados. O único atentado em que está envolvido não é da sua responsabilidade. Dêse atentado só é vítima. Os seus autores pertencem à polícia, são os polícias que o prenderam.

#### Outra arbitrariedade

Isidoro de Oliveira veio à nossa redacção protestar contra o procedimento das autoridades da república que o mantiveram preso durante 30 dias, sem que lhe fizessem o mais leve interrogatório.

Disse-nos que a sua prisão foi uma represália do delegado do governo em Vila Franca de Xira, onde foi preso, acusado de estar implicado no caso do Hotel Francfort.

## A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

### NA INGLATERRA

#### O desenvolvimento do fascismo

Em Inglaterra existem actualmente duas organizações fascistas:

1.º — Os Fascistas Britânicos, sociedade de responsabilidade limitada.

2.º — Os Fascistas do Império Britânico. Esta última organização tem um carácter muito clandestino, faz menos barulho do que a primeira, mas isto não significa que seja menos perigosa.

**Directão:** Segundo a sua publicação oficial, os «Fascistas Britânicos» estão organizados sob a direcção dum «Comité Executivo». Este compõe-se dum presidente, dum vice-presidente, dum secretário à organização, dum secretário adjunto, dum tesoureiro e dum certo número de secretários gerais.

Também possuem um Conselho Supremo, composto de membros do «Comité Executivo» e de secretários. Todos os funcionários são nomeados pela Central e podem ser inibidos de repente das suas funções, mesmo que para isso não haja motivos.

**Organização:**

a) **Células:** cada célula compõe-se pelo menos de sete membros comandados por um oficial. O fim da célula é tomar «medidas activas contra os elementos revolucionários do seu distrito».

«Para a mobilização rápida em caso de greve geral ou de revolução... três células formam um «grupo» dirigido por um oficial, três grupos formam uma companhia dirigida por um oficial de companhia e três companhias formam uma divisão comandada por um chefe de divisão. Pelo que diz respeito ao trabalho das células, já se disse que um dos fins da Comissão de Propaganda é «informar as células das agitações, sindicais ou comunistas e estas tomarão de motu próprio as medidas que se impuserem».

b) **Transportes:** A comissão de Transportes compõe-se de membros possuindo vários meios de transporte, bem como cochichos, chauffeurs etc. O fim desta comissão é «manter as ligações em caso de revolução». Provisoriamente os proprietários de automóveis estão filiados em diferentes células e obrigados a pôr a todo o momento os seus carros e automóveis particulares à disposição das células.

c) **Comissão de Propaganda:** Deve informar as células da actividade dos revolucionários e contra os quais estas têm que tomar medidas preventivas. A comissão também livros e organiza conferências. Uma série de brochuras já foi editada e distribuída gratuitamente; a organização também tem um periódico mensal. Na brochura n.º 1 intitulada *Union Jack* ou a *Bandeira Vermelha* (?) encontramos esta passagem característica: «Não se trata só de encorajar o patriotismo, mas também devemos obrigar o povo pela força a seguir estas ideias... O fascismo é em geral uma organização constitucional que só empregará meios legais», enquanto o governo cumprir a sua função essencial, que é a de manter a paz e a ordem e nunca deverá capitular perante as reivindicações exageradas dum fação extremista da população, seja qual ela for».

A Subright, um dos propagandistas britânicos, declarou várias vezes nas diferentes regiões do país, que se reconhecerá mais tarde o valor dos Fascistas Britânicos, nos futuros conflitos com o operariado, quando por exemplo um governo socialista se recusar a enviar soldados contra os operários. A Subright gaba-se também do facto que, durante os conflitos de Southampton e de Wambly, o «Comité Central do Partido Fascista» queria mobilizar 1.000 a 1.500 dos seus aderentes e pô-los à disposição da autoridade para «restabelecer a ordem».

M. Kirkby-Hewlett, chefe adjunto das células, declarou num «meeting» no Temperance-Hotel (Birmingham): «Muitos dos nossos membros têm sede de sangue e sentimento impotentes para os sustar». No boletim de junho lemos o seguinte: «Nós, fascistas ingleses, destruiremos os revolucionários exaltados, dum maneira de que não haverá memória ter havido outra semelhante na história da Europa».

A influência dos fascistas: naturalmente é difícil apreciar exactamente a força efectiva dos fascistas, mas devemos considerar os seguintes factos:

1.º — O boletim de junho dá-nos extractos de reuniões de células em Bedford (170 assistentes), Birmingham, Camberley, Cardiff, Leeds, Stamford, West Hau.

2.º — Durante uma reunião da divisão de Londres, que ultimamente se realizou, estavam presentes 400 membros, e soube-se que só 25 p. c. dos membros de Londres, assistiam a essa reunião.

3.º — M. Subright diz que os fascistas possuem 200 centros na Inglaterra.

Como vemos, em toda a parte a burguesia organiza-se para impedir, se for possível, qualquer movimento revolucionário.

Os operários devem pensar bem no que aqui acaba de expôr-se e começarem a pôr-se em guarda para qualquer tentativa de organização neste género em Portugal.

**Lêde o suplemento de «A Batalha»**

## A greve dos ferroviários austríacos

VIENNA, 10.—Continua a greve dos ferroviários austríacos. O governo pediu a demissão, devendo o Conselho Nacional proceder à eleição no próximo dia 11.

O Chanceler Seipel declarou que o governo não admite que os funcionários apresentem qualquer reivindicação, nem lhes reconhece o direito de fazer greve. Todos os serviços ferroviários estão paralisados com excepção da linha férrea de Viena para o sul. Todos os comboios de passageiros foram cancelados, continuando apenas o serviço de comboio de mercadorias que transportem viveres ou géneros de primeira necessidade. A nota oficiosa do governo diz que tinham feito aos ferroviários as concessões máximas que o orçamento permitia, e que as novas exigências de aumento de salários não foram satisfeitas porque provocariam o desequilíbrio orçamental.

A vida na Austria está paralisada. Tem sido feitas grandes demonstrações contra o ministro desta cidade, pelos pesadíssimos impostos que tem lançado, apesar de se encontrar numa situação relativamente desafiada. O chanceler Seipel declarou aos jornalistas que só se manteria no governo se lhe fossem aceites os pedidos exorbitantes de algumas classes entre elas as dos ferroviários. — R.

## Dr. Pedro Vallina

### DOENÇAS DO CORAÇÃO E PULMÕES CLÍNICA GERAL

Consultas: Quintas-feiras e sábados, das 21 às 23 horas, na Travessa da Águia de Flor, 16, 1.º

Chamadas: rua Gomes Freire, 42-B, 12.º

## A torda dos delinquentes

A polícia é uma entidade inventada para praticar delitos de toda a ordem, principalmente aqueles que revelam os piores instintos e maies que possam magoar a sensibilidade dos que não são polícias.

Ainda há dias, no largo do Corpo Santo, uma polícia, que ali se encontrava de serviço, agrediu uma pobre mulher que se encontrava embriagada. A agressão foi tão brutal que a prostrou, no solo, banhada em sangue. Acudiu logo um companheiro do «herói», que, como vimos algumas pessoas protestarem contra a canibal agressão, puxou logo do revólver, prontificando-se a disparar, a matar qualquer pessoa que continuasse manifestando-se.

Estes dois «heróis» são mais duas provas a juntar às inúmeras que nestas colunas se têm arquivado, de que os delinquentes se fardaram de polícias para não acabar seus dias na costa de África.

## PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas d'oca e maciças, tubos, molins, chaminés de 2 e 3 peças, tambores, vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 53.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (é a casa que fornece em melhores condições).

## COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — às 21 horas (9 da noite) — HOJE

2.ª representação dos notáveis ginastas

Jack Riskit

e dos célebres ciclistas cómicos

FRED AND MERYS

que ontem na sua estreia obtiveram um grandioso sucesso

SEMPRE NOVIDADES SEMPRE ATRAÇÕES

Todas as noites espectáculo variado

Geral 3300 «Fauteuils» desde 8500

QUINTA-FEIRA:

Grande «matinée» elegante

Instrução

Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa

É hoje inaugurado para os sócios desta

agregação, rua da Madalena, 225, 1.º, o

Curso Comercial, que fica a cargo dos pro-

fessores srs. Martins Pinheiro, escrituração;

Eduardo Simões, português e francês; Ar-

tur dos Santos, inglês e contabilidade. As

aulas são: às segundas, quartas e sextas-fei-

ras, para português, francês e escrituração,

das 20,30 às 22,30; contabilidade e inglês,

das 21,30 às 22,30, às terças, quintas e sábados.

INFECÇÕES INTESTINAIS

Enterites-Diarreias-Prisão de ventre

YOGURTINA

Fermentos lácticos

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

## Teatros e cinemas

### A época de inverno nos teatros

#### A abertura de São Carlos e Politeama

Com a aproximação do inverno, intensifica-se nesta Lisboa burguesa e fútil a vida dos palcos e o crítico passa a não ter mãos a medir se quizer concorrer a todos os espectáculos que por aí se vão dando e que, infelizmente, poucos se aproveitam como função educativa e às vezes até como pretexto de simples entretenimento.

Aberto São Carlos em que Lucília Simões e Erico Braga ocupam na hierarquia teatral o lugar primordial, não se demorou a inauguração do Politeama em que Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro dão emprego ao normando com que engalanam os seus cartazes.

No primeiro destes teatros uma peça genuinamente francesa «O leque», no segundo um original espanhol «Amanhecer». Não há pontos de contacto entre as duas obras a não ser a firmeza com que numa e outra estão traçadas as suas cenas. O trabalho de Lucília e da sua companhia está bem ainda na nossa memória, porque há poucos meses a revivência de «O leque» se fizera naquele mesmo teatro.

Com «Amanhecer» não se dá bem o mesmo, decorrer sobre a sua última representação algum tempo, o bastante quasi, para poder considerar-se esta «reprise» como uma primeira recita.

Conservando os seus antigos papéis Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, não deram, um e outro, uma só das qualidades que revelaram primitivamente.

Todos os outros artistas fizeram pela primeira vez os restantes personagens. E, no meio do harmónico conjunto deve destacar-se Emilia de Oliveira, muito feliz na interpretação do 2.º acto, Constança Navarro natural e Maria Clementina que demonstrou um *à vontade*, que merece referência aparte.

Luiz Leitão e Raul de Carvalho correctamente, havendo a reparar no primeiro o tom cantado com que disse o seu papel, o que nos pareceu exagerado.

Os outros actores e actrizes regularmente.

O arranjo da scena primoroso, principalmente o do último acto. De muito bom gosto a *toilette* de Amélia Rey Colaço nesse mesmo acto.

### NO SÃO LUÍS

#### A festa de Luís Filgueiras

Em honra do maestro Luís Filgueiras realizou-se uma festa no São Luís. Espectáculo variado, em que tomaram parte artistas dramáticos e líricos, os seus números foram cumpridos à risca, excepto os do violinista Nicolino Milano e da actriz Sata-nels, que, por motivos óbvios, não compareceram.

A recita revelou-nos o jovem pianista Rosenstock, que tem gosto e faz-nos adivinhar boa execução e pôs mais uma vez em bom lugar o violoncelista Henrique de Mendonça nos seus solos de violoncelo.

Amélia Rey Colaço, na peça de Quinteiros «Sangre gorda» foi espanhola a valer e actriz como costuma ser. Acompanhou-a bem Robles Monteiro.

No «Sapatinho do baile», acto da «velha guarda», muito bem Lucília e Amélia Pereira.

O final do espectáculo foi preenchido com «Scenas campestres», de Luís Filgueiras, que foi tocada por uma orquestra de maestros.

É muito elegante o 2.º andamento.

NOGUEIRA DE BRITO

## Francisco e João Jorge

Convidam por este meio todos os amigos e camaradas a incorporarem-se no funeral de sua companheira e cunhada Adelinha Jorge que se efectua hoje, às 14 horas, da rua Particular à Rua Maria Pia, para o Cemitério de Benfica.

Tribunal de Arbitros Avindores

Reúnem-se, em audiência de conciliação, sob a presidência do juiz dr. Baltazar de Freitas Lindo, servindo de arbitros, pelos patrões, Teodoro Pombo, e pelos operários Vitor Reis Araújo.

Foram julgadas as seguintes causas:

Alberto Luís Silva contra J. Pires dos Santos, Virgílio Vasconcelos contra Carlos Pinto Almeida, Fernando Timoteo contra Simão Gonçalves Govio, Inácio Pinheiro contra José Barral, que ficaram para julgamento: Manuel Kruger, adiado pela falta do réu; José Rodrigues Almeida contra Mateus Barbosa, João Dias Paes contra António Luís Larangeira, recorrem do despacho.

Tendo constatado aos arbitros operários que alguém anda dizendo que os mesmos receberiam várias quantias para serem favorecidos ao sr. José Carreira de Sousa no processo que lhe moveu o sr. Raimundo Miranda, convidam os indivíduos que tenham conhecimento de algumas irregularidades por eles praticadas a comparecerem na próxima sexta-feira, 14, pelas 21 horas, no gabinete da U. S. O., a prestar declarações, em especial o sr. Júlio Gonzaga dos Anjos.

EDEN THEATRO

(Telefone Norte 3890)

HOJE — ÀS 21,30 DA NOITE

Companhia OTELO DE CARVALHO

A surpreendente mágica

O BOLO-REI

poderá ser de novo admirada pelo público, que a tem muito justamente, como o mais deslumbrante dos espectáculos

A IDEAL, L. DA

R. da Assunção, 88. 1.º — Tel. N. 5080

Faz transacções sobre tudo — que ofereça garantia —

Mistérios do Povo

está à venda a 3.ª série

## O QUE HÁ?

Durante a tarde de ontem circularam inúmeros boatos de alteração da ordem. A *Capital*, aludindo ao boato, dizia que o fim da revolução que se prepara é a formação dum governo de técnicos que teria como primeiro acto o afastamento de todos os políticos.

Tratar-se-há do B. P. Z. T.?

Muito comentado o facto do sr. António Maria da Silva ter tido uma larga conferência com o comandante da polícia. De facto, o que teria ido fazer o *factotum* do dr. Afonso Costa ao governo civil? E que fantástica coincidência a de estar em Portugal, neste momento, o dr. Afonso Costa! Serão alheios aos propósitos da anunciada revolução o contrato dos Tabacos e a dissidência democrática: José Domingos dos Santos *versus* António Maria da Silva?

A dar crédito às informações que temos... Cala-te boca! O que fôr soará.

## DESPORTOS

### A propósito de entradas

A entrada para a imprensa nos campos de futebol é regulada pela Associação da especialidade. Sucede porém que o Império Lisboa Club resolveu por sua vez regular a entrada no camarote de imprensa e mandando cartões especiais aos diferentes jornais. Da Associação de Foot-ball recebeu *A Batalha* o respectivo cartão; a direcção do Império Lisboa Club remeteu-a porém a um lamentável esquecimento, pois que, enquanto que a imprensa de infima importância a entrada no camarote não foi negada, o representante de *A Batalha* viu-se obrigado no domingo passado a suportar na bancada lateral a chuva impertinente e os chapéus de chuva que na primeira bancada lateralmente se levantavam.

Ora este esquecimento é revoltante. *A Batalha* não mendiga regalias; achase no direito de exigir que procedam para com ela da mesma forma como procedem para com a restante imprensa. Excepções da espécie desta repugnância e ficam mal a homens ou a instituições que as praticam. A explicação está nas palavras dum antigo director do Império:

«Nós distribuímos estes cartões às caras direitas».

Isto é o i. l. c. arranjar duas classes na imprensa: os «caras direitas» e os que não são. E porque é que *A Batalha* não pertence à primeira das categorias? Não sabemos; esperamos que a direcção do Império Lisboa Club nos elucide.

### Futebol

#### Os desafios de domingo

O Carcavelinhos triunfou facilmente do Chelas por 4-0, sem que tivesse no entanto desenvolvido bom jogo. A primeira parte terminou com o resultado de 3-0. O Chelas apresentou em campo 4 jogadores de 1.ª categoria e os restantes de 2.ª, por haverem sido suspensos pela sua direcção vários jogadores de 1.ª categoria, para reprimir, segundo nos dizem, abusos e indisciplina.

No segundo desafio, o Benfica venceu o Vitória pelo elevado resultado de 6-0. O vencedor dominou durante todo o jogo, dando a diferença de número de defesas executadas pelos dois guardas rédeas ideia desse domínio: Vitória, 29 defesas, Benfica, 10.

A pesar-de perfeitamente justificada a vitória do Benfica pelo bom jogo que desenvolveu, não deixou de causar admiração tal triunfo, em vista das tradições que o Vitória adquiriu.

### A extinção do Commissariado dos Abastecimentos

#### A situação do pessoal contratado

Pela extinção do Commissariado dos Abastecimentos ficam cerca de 300 empregados, que constituem o seu pessoal contratado e assalariado, numa situação angustiosa.

A comissão de defesa dos interesses desse pessoal pede a comparência deste, depois de amanhã, pelas 18 horas, em frente do Parlamento para se realizar uma *démarche* tendente a poupar-lhes os prejuízos resultantes da extinção do referido Commissariado.

No mesmo dia, às 21 horas, deve o pessoal reunir na Associação dos Caixaeros, rua António Maria Cardoso, a fim de serem tratados assuntos de interesse.

### ASSALTO

Assim se pode classificar pela natureza constante do Depósito da Condição, onde o povo procura defender-se, comprando fazendas de lá para fatos, sobretudo, abafos e vestidos de senhora, directamente da Fábrica, por menos de 30 a 40 réis.

Ataíste para homens e senhora onde se podem vestir com elegância, e por preços excepcionais, mas só para clientes que sejam as suas compras no Depósito da Condição.

Deles baratas, mas para muitas, 50, 70 e 80 réis cada qual. Chegou a primeira remessa de impermeáveis, vende cada uma por 130, 140 e 150 réis. Telefone 11. 4663.

ROSSIO, 93. 1.º ANDAR.

## Ultimas noticias

### O pessoal dos telefones e a razão que o levou a greve

O pessoal das oficinas da Companhia dos Telefones encontra-se em greve de protesto, por 48 horas, contra a atitude do chefe das oficinas, que exerceu várias represálias sobre a Comissão de Melhoramentos e Direcção da Associação de Classe.

O referido chefe, o sr. Abílio Mamede, tem insultado e exercido vinganças sobre vários operários. Embora haja uma disposição da Companhia em contrário, o sr. Mamede anda nas oficinas armado de pistola ameaçando todos. Denunciou à direcção da Companhia cinco operários como fazendo parte dum comité secreto que nunca existiu. Dizendo-se disciplinar é o primeiro a quebrar a disciplina praticando actos menos dignos dentro da companhia.

Estes e muitos mais motivos levaram o pessoal a declarar a greve que segundo um delegado do Norte, foi secundada pelo pessoal da cidade do Porto. Em face da solidariedade do pessoal do Porto, o de Lisboa resolveu o prolongamento da greve até que as suas reclamações sejam atendidas.

As reclamações constam de aumento de 300 escudos mensais para os oficiais, 250 para meios oficiais, 200 para empregados e 150 para aprendizes.

Os empregados refutam o aviso que a Companhia fez ao publico, nos jornais de ontem. Esse aviso está cheio de inexactidões. Diz a referida Companhia que está disposta a atender as reclamações. Porém, há um ano que os empregados vem reclamando em vão. Afirma a mesma empresa que a greve acarreta para o pessoal a antipatia do publico. Maior antipatia, porém, deve recair sobre a companhia que para aumentar 2.000 contos a todo o pessoal pretende arrancar 32.000 aos subscretores. Afirma também que todo o pessoal feminino e parte do masculino está a trabalhar.

É falso porque o pessoal masculino está em greve e o feminino foi arrancado de sua casa onde directores acompanhados de guarda republicana o foram buscar, traido assim a liberdade de trabalho que no mesmo aviso pretende defender.

A contradizer a normalidade dos serviços que no referido aviso se apregoa está o pedido que no mesmo a companhia faz para o publico limitar o numero de chamadas e desculpar a rademo das comunicações.

### OS QUE MORREM

#### Júlio José Fernandes

Faleceu o camarada Júlio José Fernandes, chefe de estação do Sul e Sueste, secretário arquivista da Federação Ferroviária.

CALENDÁRIO DE NOVEMBRO									
T.	4	11	18	25	HOJE O SOL				
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,14				
Q.	6	13	20	27	Desaparece às 17,27				
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA				
S.	1	8	15	22	Q. C. da 3 às 22,18				
D.	2	9	16	23	Q. C. da 11 às 12,37				
S.	3	10	17	24	Q. M. da 19 às 17,58				
S.	3	10	17	24	L. N. da 25 às 17,96				

MARÉS DE HOJE  
Pratamar às 3,14 e às 3,31  
Baixamar às 8,44 e às 9,01

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Londres, 90 dias de vista	102,300	102,300
Londres, cheque	102,300	102,300
Paris	102,300	102,300
Suica	102,300	102,300
Belgica	102,300	102,300
Italia	102,300	102,300
Holanda	102,300	102,300
Madrid	102,300	102,300
New-York	102,300	102,300
Brasil	102,300	102,300
Noruega	102,300	102,300
Suecia	102,300	102,300
Dinamarca	102,300	102,300
Francia	102,300	102,300
Portugal	102,300	102,300
Argentina	102,300	102,300
Chile	102,300	102,300
Uruguai	102,300	102,300
Paraguay	102,300	102,300
Bolivia	102,300	102,300
Peru	102,300	102,300
Ecuador	102,300	102,300
Venezuela	102,300	102,300
Colômbia	102,300	102,300
Costa Rica	102,300	102,300
El Salvador	102,300	102,300
Honduras	102,300	102,300
Nicaragua	102,300	102,300
Panamá	102,300	102,300
Cuba	102,300	102,300
Haiti	102,300	102,300
Dominica	102,300	102,300
Guatemala	102,300	102,300
El Salvador	102,300	102,300
Honduras	102,300	102,300
Nicaragua	102,300	102,300
Panamá	102,300	102,300
Cuba	102,300	102,300
Haiti	102,300	102,300
Dominica	102,300	102,300
Guatemala	102,300	102,300

ESPECTACULOS  
THEATROS  
S. Carlos - A's 21,30 - O Leque.  
R. Carlos - A's 21,30 - O Regente.  
S. Luis - A's 21,30 - Frangula.  
T. Carlos - A's 21,30 - A dança da Libélula.  
P. Carlos - A's 21,30 - Amalhecer.  
R. Carlos - A's 21,30 - O Pádo do Bispo.  
E. Carlos - A's 21,30 - O Bolo Rei.  
M. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
C. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
S. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
F. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
G. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
H. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
I. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
J. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
K. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
L. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
M. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
N. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
O. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
P. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
Q. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
R. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
S. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
T. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
U. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
V. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
W. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
X. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
Y. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.  
Z. Carlos - A's 21,30 - R. Carlos.

MALAS POSTAIS  
Pelo pacote francês - Briannas são hoje expedi-  
das malas postais para New-York e por via Mare-  
ilha para a Índia portuguesa e Macau, efectuando-se  
da Estação Central dos Correios as últimas tiragens  
respectivamente às 9 e 10,30.

HOJE 11, amanhã 12, e depois 13, é obrigatória a  
seleção das correspondências com selos do Centên-  
rio de Camões. Serão multadas as que levarem selos  
da comemoração do grande épico.

Calçado mais barato!  
Só se vende na rua do Comércio, 19-21,  
- para homem, senhora e criança -  
VER PREÇOS NAS NOSSAS MONTRAS

Electricistas montadores  
Não comprem material eléctrico  
sem ver os preços porque vende  
A. Pedro dos Santos  
Rua dos Douradores, 177

CONTADORES  
PARA ÁGUA  
- Artigos de futebol -  
- Bicycles - acessórios -  
- Chegaram novas remessas -  
- Banheiras de ferro esmaltado  
- Máquinas para coser, Quinquilarias  
- e carburador de calcio -  
D. Pinto Coelho  
R. de São Do-  
- mingos, 28 -

TUBERCULOSOS  
Tendo tomado a TRIOLINA compre-se afirmar  
que tive uma cura definitiva e não mais  
doença, obtendo bons resultados no restabe-  
lecimento da minha saúde, multissimo abalado por  
uma grave doença pulmonar, Alberto Sousa dos  
Santos - Bairro Catarina, 4.

DEPOSITOS:  
Farmácia Estácio, Rossio,  
Reposo Sobrinhos, Largo de São Julião, 11.

OS MISTÉRIOS DO POVO  
N.º 297

Á GRANDE BAIXA  
DE CALÇADO  
SÓ COM O LUCRO DE 10 %.

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA  
Sapatos para senhora - 24,00  
Sapatos em verniz - 28,00  
Botas brancas (grande salto) - 28,00  
Grande salto de botas pretas - 28,00  
Botas de cor para homem - 46,00

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com  
outra casa.  
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.  
A Social Operaria é a rua dos Cavaleiros,  
18-0, com Filial na mesma rua, n.º 69.

LIVRARIA BENASCENÇA  
Obras literárias, científicas, profissionais  
e artísticas de autores portugueses e estran-  
geiros.  
Trabalhos tipográficos, carimbos e livros  
de escultura, mapas de escrituração, ma-  
pas de descarga de cotas e de matrículas  
para Sindicatos, Cooperativas, Comunas,  
Juventudes, etc.  
Grande sortimento em material escolar,  
artigos de papelaria e escritório, sempre  
aos preços mais baixos do mercado.  
Grande obra de Vitor Hugo, "OS  
MISÉRABLES", ilustrada por assinaturas,  
tomos e encadernada com capas especiais  
em 2 grandes volumes e 400, acrescentando  
do papel de porto o emblema para a pro-  
vincias.  
Sempre novos artigos e novidades literá-  
rias.

Joaquim Cardoso  
Rua dos Poiais de São Bento,  
27 e 29  
LISBOA

Policlínica da Rua do Ouro  
Entrada: Rua do Carmo, 98  
Para as classes pobres  
Medicina, cirurgia e pulmões - Dr. Armando  
Garcia - A's 4 horas.  
Cirurgia, operações - Dr. Bernardo Vi-  
- 4 horas.  
Rins, vias urinárias - Dr. Miguel Magalhães  
- 4 horas.  
Pele e sífilis - Dr. Correia Figueiredo - II e  
- 4 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R.  
Loff - 1 hora e meia.  
Doenças dos olhos - Dr. Mário de Matos -  
2 horas.  
Doenças das crianças - Dr. Cordeiro Fer-  
reira - 2 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos - Dr. Mário Oli-  
veira - 12 horas.  
Enfermagem e internados - Dr. Mendes Belo -  
3 horas.  
Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma  
- 3 horas.  
Boca e dentes - Dr. Armando Lima - 4 horas.  
Cancro e rádio - Dr. Cabral de Melo - 4  
horas.  
Raios X - Dr. José de Padua - 4 horas.  
Análises - Dr. Gabriel Beato - 4 horas.

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO  
DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Serviço dos Armazens Gerais  
Concurso para a adjudicação da compra  
de tijolos burros  
ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que no  
dia 28 do corrente mês de Novembro pelas 15 ho-  
ras, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro  
do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Ma-  
mede, n.º 65, ao Caldas, Lisboa, se há de pro-  
ceder a concurso publico para a adjudicação da  
compra de 300.000 tijolos burros em 20 lotes de  
15.000 tijolos.

Para ser admitido a licitação deverá o concor-  
rente mostrar que efectua em qualquer das tes-  
ourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até  
às 15 horas do ultimo dia útil anterior ao do con-  
curso o depósito provisório de 15.000 por cada  
lote.

As propostas devem ser feitas em papel selado  
ou com um selo de 1.000 devidamente inutilizado.  
Concurso para a adjudicação da compra de petróleo  
ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que no  
dia 29 do corrente mês de Novembro pelas 15 ho-  
ras, perante a Direcção dos Caminhos de Ferro  
do Sul e Sueste e na sua sede, rua de São Ma-  
mede, n.º 65, ao Caldas, Lisboa, se há de pro-  
ceder a concurso publico para a adjudicação da  
compra de 30.000 litros de petróleo.

Para ser admitido a licitação deverá o concor-  
rente mostrar que efectua em qualquer das tes-  
ourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até  
às 15 horas do ultimo dia útil anterior ao do con-  
curso o depósito provisório de 6.000.

As propostas devem ser feitas em papel selado  
ou com um selo de 1.000 devidamente inutilizado.  
O concorrente a quem for feita a adjudica-  
ção terá de reforçar o seu depósito provisório  
com a quantia necessária para perfazer 5 % da  
importância total da adjudicação, constituindo  
assim, para garantia do respectivo contrato, um  
depósito definitivo, que ficará a ordem da Direc-  
ção do Sul e Sueste, por intermédio da qual será  
posteriormente transferido para a Caixa Geral  
dos Depósitos.

DURANTE ALGUNS DIAS  
Grande liquidação por  
motivo de balanço  
20 0/0

de desconto em todo o nosso sortido  
de fazendas para fatos, sobretudos,  
vestidos e casacos.

Esplêndidas fazendas para  
fatos aos preços seguintes:  
(preços sem descontos)  
19\$500 32\$50  
25\$00 37\$50  
28\$00 39\$50

Visitem os depósitos dos  
fabricantes da Covilhã  
DONAS & C.A

EM LISBOA:  
Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º  
Pedimos a máxima atenção para os  
números dos nossos depósitos.  
NO PORTO:  
Rua Fernandes Tomás, 392 A

A AGENCIA ALMEIDA

Faz grandes descontos a quem lór sócio ou  
confederado na C. G. T. ou assinante de  
A Batalha e suas famílias.  
Funerais nos Hospitais, Morgue e particu-  
lares. Trasladações. Corças. Preço muito re-  
sumido por possuir todos os utensilios -  
Telef. 78-Benefic. - R. Alves Correia, 189  
(Vulgo São José). - Empregado a qualquer  
hora da noite.

Valério, Lopes & Ferreira, L.º  
FERRAGENS E FERRAMENTAS  
Metais, cutelarias, talheres,  
louça esmaltada, parafusos, fun-  
dos para caldeiras,  
- guarnições para móveis -  
Chapa ferro preta e zincada  
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas,  
cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.  
84, R. DO AMPARO, 86 - LISBOA - TELEF. 3930, N. GRAMAS, FERRAGENS

Artigos alemães  
Ferragens, cutelarias, quinquilharias  
PREÇOS VANTAJOSOS  
Aspiradores eléctricos para pó (220 v.) - Varões de metal para raposteiros  
Canivetes, tesouras, navalhas e lâminas para barba, facas de cozinha,  
talheres de alpaca, alumínio e cabo de madeira; pentes de galatilh, alumí-  
nium e chifre; cadeados, esporas e barbelas, campainhas, escovas para fato e  
cabelo, suportes para objectos quentes, fios de metal, quebra-nozes, saca-  
-rolhas diversos, garrafas para conservar os líquidos quentes, espelhos, papel  
químico e outros artigos.

MÁRIO CUNHA  
RUA DOS FANQUEIROS, 30, 2.º

FATOS COMPLETOS  
E SOBRETUDOS  
em boas fazendas de lã 179\$00  
com bons forros desde 179\$00  
IMPREMISSÍVEIS INGLESES com lino e rapuz, desde 179\$00  
CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00  
CALÇAS desde 40\$00  
ABATIMENTOS PARA REVENDA  
O CHAVES DO CONDE BARÃO  
170, RUA DA BOAVISTA, 172

REUMATISMO  
Sifilítico, Blenorragico, Gotoso,  
Articular, Artrítico, Muscular  
"Reumatina"  
24 horas depois não tem mais dores  
"Reumatina"  
E' inofensiva porque não exige dieta  
Preço \$800 - - - - -  
"Reumatina"  
Vende-se em todas as boas  
- farmácias e drogarias -  
Pó Anti-blenorrágico  
E' o mais poderoso combatente das ble-  
norragias crónicas e recentes. Resultados  
imediatos e comprovados pelo distinto mé-  
dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00  
Depósito Geral:  
A. Costa Coelho  
Bomjardim, 440 - PORTO

Gerente-Chefe de Escritório  
ou Guarda-livros

Indivíduo com longa prática comer-  
cial e largos conhecimentos de escri-  
turação e contabilidade, oferece-se  
para qualquer destes lugares, ou aceita  
mesmo simples montagens de escri-  
tas - seguimentos e fechos. Dá  
informações e referências.  
Carta a esta Redacção.

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

Leide o Suplemento de "A Batalha"

CALÇADO  
A sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos  
em verniz, abotinados, salto Luis  
XV.  
a 75\$00 botas em calf, preto,  
fôrma da moda, 2 gáspes e 2 so-  
las corridas, cujo valor é de 100\$00,  
a 30\$00 sapatos de verniz aboti-  
nados e c. IX, para senhora, cujo  
valor é de 60\$00,  
a 55\$00 sapatos de calf cõr da  
moda, cujo valor é de 80\$00,  
a 59\$50 grande lote de botas, sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL  
Esta casa, vende botas e bolas, muito mais baratas  
que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

António Fraga, S.º

Ourives-Joalheiro  
RUA DA PALMA, 6 a 12

Lembro aos meus amigos e fregueses que  
continuo vendendo todos os artigos de ou-  
rivesaria e joalheria, por preços com os  
quais ninguém pode competir, embora haja  
quem se incomode por eu estar vendendo  
tão barato.

Pego uma visita à minha casa.  
Confrontem a qualidade dos brilhantes e  
os seus preços, e verão depois quem melhor  
e mais barato vende.  
Tenho sempre artigos em 2.º mão reno-  
vados com pouco feitiço.

Não confundir, primeira  
casa Fraga, subindo a Rua  
da Palma.

"Herpetol"  
- Dá um -  
Alívio instantaneo



SOFRE DE CUMICIAÇÃO provocada pelo ECZEMA  
e outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas  
gotas de "HERPETOL" fará desaparecer rapidamente a  
comichão.

O "HERPETOL" CURA. A atestação temos os in-  
úmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no  
mercado este medicamento, que tem realizado CURAS  
MARAVILHOSAS. A acção do "HERPETOL" é  
muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes  
que se encontram nos tecidos, os quais são a causa  
de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para  
limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MOR-  
DEURAS DE INSECTOS, ECZEMAS HUMÍDO E  
SECO e CROSTAS DÚRIS.

Não hesite e compre um frasco de "HERPETOL" o  
melhor remédio que até hoje apareceu.

A venda nas principais farmácias e nos depósitos,  
em Lisboa, Rua da Prata, 27, 1.º

Cimento portland  
"TEJO"

Qualidade garantida  
Análises oficiais  
Preços resumidos  
António Moreira Rato  
& F.ºs, L.ºda  
Rua 24 de Julho, 54-F  
TEL. C. 233 LISBOA

AOS MARCENEIROS  
Por motivo de balanço

Guarnição 2 filetes e gaveto  
freijão ..... a \$70  
Guarnição grão ..... a \$90  
"sco" ..... a \$90  
" 2 filetes e gaveto  
pinho ..... a \$60  
Cimaíba em freijão e pinho  
desde ..... a \$100  
Lixa papel, dúzia ..... a \$300  
Fundos para cadeiras 10", de desconto  
Ferreagens para móveis, idem  
Campo das Mártires da Pátria, 68  
- J. FERREIRA -

Menstruação  
Aparece rapidamente  
tomando o  
FERREOL

Caixa 15\$00. Pelo Correo 16\$00  
R. da Escola Politécnica 16 e 18  
LISBOA

Anilinas JACOBUS

- Para tingir em casa -  
- As melhores e de maior confiança -

Sabonetes JACOBUS  
O mais fino e económico sabonete de toilette

SABONETES OPTIMUS  
O mais barato sabonete de toilette

A' venda em todas as drograrias do país  
Depósito geral, só por atacado  
Sociedade Produtos Químicos, L.º  
Campo das Cebolas, 43, L.º LISBOA

FOTOGRAVURA  
TRICROMIA  
ZINCOGRAFIA  
DESENHO

GRANDE PREMIO  
RIO DE JANEIRO 1908  
GRANDE PREMIO E  
MEDALHA DE OURO  
LISBOA 1913  
PREMIO DE HONRA  
LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECANICA  
Largo do Conde Barão 49  
LISBOA  
TELEFONE  
2554  
C

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49  
LISBOA  
TELEFONE  
2554  
C

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49  
LISBOA  
TELEFONE  
2554  
C

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49  
LISBOA  
TELEFONE  
2554  
C

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49  
LISBOA  
TELEFONE  
2554  
C

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49  
LISBOA  
TELEFONE  
2554  
C

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49  
LISBOA  
TELEFONE  
2554  
C

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49  
LISBOA  
TELEFONE  
2554  
C

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49  
LISBOA  
TELEFONE  
2554  
C

OFICINA FOTOMECANICA

Largo do Conde Barão 49  
LISBOA  
TELEFONE  
2554  
C

# A BATALHA

A arma do proletariado contra a burguesia numa localidade é a União dos Sindicatos, contra o capitalismo numa nacionalidade, a Confederação, contra a reacção mundial a Associação Internacional dos Trabalhadores.



## A carestia da vida e a greve da pesca

Quem tira a Lisboa 90 toneladas de peixe por dia? Quem impede o barateamento da vida? A ganância dos armadores!

Em um vistoso artigo publicado na imprensa, e em manifestos distribuídos ao público, vêm os armadores da pesca deitarem a culpa nos olhos do público com os ordenados e mais vencimentos da gente ocupada na pesca de arrasto, que é a feição de trabalho mais violenta que existe no mar. Os vapores têm quinze dias de viagem e apenas dois de demora nos portos para meterem carvão, gelo e mantimentos, e quando se demoram mais tempo, é porque o armador convém a descarga por conta-gotas, para não diminuir o escandaloso preço do peixe.

As classes marítimas sentem-se lisonjeadas pelas comparações com tantas pessoas notáveis que no dito artigo se fazem; resta saber se as ditas pessoas (as que por acaso não são accionistas de barcos de pesca) se sentiram por igual lisonjadas em ver os seus nomes servirem de alvo a manjandanças, para cúmulo, ainda revelarem a pouca inteligência de quem as formula.

O fim de tal campanha (lá o dizem) é não consentir que um piloto e mais gente de pesca, ganhe mais do que os matemáticos, generais, juizes, etc.; não é pois uma campanha de justiça é uma campanha de ódios. Todos esses cavalheiros podem ter os proventos citados, mas de categoria porquanto o exercício é bem pago por fora. Os marítimos, têm-nos somente quando navegamos, que dura apenas oito meses por ano) e trabalham no mar.

Uma vez desempregados toca a gastar as economias bem ganhas.

Uma vez inutilizados ou envelhecidos no árduo labor, burocrático, esses senhores, têm a sua reforma, ao passo que os marítimos é a miséria que os espera em não podendo mais ser explorados, e têm por isso que olhar ao futuro ganhando eles mesmos as suas reformas. Um marítimo embarcado pode contar praticamente com a mais roupa em uso que quem vive em terra, e ainda a sustentar as famílias, que têm todo o direito a conforto e instrução como os filhos dos cavalheiros alvejados.

Está-se pois a ver, o que repugna aos armadores é dar dinheiro, ao mesmo tempo que se empregam todas as manjandanças nas lotas para vender o peixe por preços escandalosos.

Quer o público saber quanto os armadores ganharam no mês de Agosto?

A seguir expomos a verdadeira situação dos vapores citados pelos armadores.

Vapor "Alcatraz"	
Receita bruta da venda do peixe.	340.603\$80
Total das despesas incluindo soldadas.	150.000\$00
Receita líquida, além de 70 contos de peixe para o gano.	190.603\$80

Vapor "Oceano"	
Receita bruta da venda do peixe.	283.000\$00
Total das despesas incluindo soldadas.	145.000\$00
Receita líquida.	138.000\$00

Vapor "Estrela do Mar"	
Receita bruta da venda do peixe.	265.000\$00
Total das despesas incluindo soldadas.	160.000\$00
Receita líquida.	105.000\$00

E' por este processo que os armadores, feitos os concertos, despesas de administração, dividendos e lutas a amigos, metem no bolso linpinhos 100 a 120 contos por mês e por vapor, que ao fim de 9 a 10 meses está forro.

### Caldeiradas

Diz-se nas tabelas dos armadores que os tripulantes recebem e vendem cada um 200 escudos de peixe. A verdade é que cada tripulante recebe o máximo de 15 quilos de peixe como caldeirada. Atribui-lhe o valor de 200 escudos por cabeça é simplesmente uma infâmia! Alguns tripulantes, em geral idosos da pesca do bacalhau, usam escalar o peixe que não tem valor na lota, por não aguentar frigorífico e ser porriso lançado ao mar. Este serviço é feito durante as horas de folga.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para eles e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

## CRISE DE TRABALHO

### O comício operário do Porto

A moção apresentada pela U. S. O. exortando o operariado a opor-se aos propósitos do patronato é aprovada com entusiasmo

PORTO, 9.—Como tinha sido resolvido no último Conselho federal da U. S. O., efectuou-se hoje, na Alameda das Fontainhas e depois de hora e meia da hora marcada, o comício operário para apreciar a presente e avassaladora crise de trabalho e o modo mais eficaz de a atenuar.

Este comício, em consequência da importância do problema a versar, devia ser extraordinariamente concorrido, não só por aqueles trabalhadores que foram arremessados para a chomage pela torpe especulação capitalista, mas ainda por todos os que, embora trabalhando por enquanto, estão na ameaçada contingência de em breve virem para a rua.

Infelizmente, tal não aconteceu, pouco passando a concorrência, depois de uma morosa espera, de uns 700 assistentes, na sua maioria, ainda para mais, empregados.

E' certo que o tempo não estava de um esuficiente sol: chovera torrencialmente de manhã cedo, mas precisamente quando se aproximou a hora da reunião até quando acabou o comício, a bonança pluvial fizera-se sentir.

O que houve foi uma grande e lamentável indiferença, excelentemente aproveitada pelos causadores do desemprego: o povo explorado e em forçada folga habituou-se a esmolar, pensando assim remediar a sua tristíssima situação.

#### O aparato policial — A liberdade sufocada

Antes de se dar começo ao comício, o representante da autoridade, isto é: o chefe da policia Severissimo, mandou chamar a sua presença um dos membros da comissão convocadora da reunião.

E' para lhe dizer, muito amigavelmente, que os oradores devem ser comedidos nas suas considerações e absterem-se de atacar, fazer e forte, os poderes constituídos, quer dizer: o governo da presidência do sr. Gaspar. O camarada Saúl de Sousa prometeu comunicar a sua omnipotente vontade—o que, decerto, evitará qualquer revolução imediata.

Isto, porém, não impede que a policia fardada continuasse a vaguear, espalhada, pelas emboaduras das ruas limítrofes e pelos planos superiores à alameda, nem que os paisans, enquanto bem conhecidos, se misturem entre a multidão, tirando, de ouvido, notas para a sua reportagem... de esquadra.

O camarada Ardium, secretário adjunto da U. S. O., convidou para presidir Joaquim da Silva, que toma lugar na mesa: um tóxico banco de pedra do local e sob um conjunto de semi-desfolhadas árvores, onde o vento silva as suas "canções" de revolta contra as delapitações das leis naturais—aquela revolta malsã que os chomageurs não quizeram vir emprestar ao protesto público da organização operária.

O presidente, referindo-se à significação do acto, profligou, serena, mas enérgica, os originadores deste mal-estar social e económico, só curval radicalmente por uma profunda transformação da sociedade capitalista.

Combate a especulação comercial e industrial, manifesta a sua discordância com a atitude mendicante do operariado em chomage e afirma ser agora necessário que a solidariedade aos desempregados seja manifestada por aqueles que ainda têm algumas considerações sobre o tema em questão, que reclama um maior desenvolvimento organizativo e revolucionário do povo produtor, concede a palavra a Saúl de Sousa, que fala em nome da comissão organizadora da reunião.

Em seu entender, as causas que determinam a não verificação duma empolgante concorrência ao comício são, entre outras, talvez a fraqueza de muitos que não lhes permite o arrastarem-se até aqui e a própria atmosfera sídereia, que se apresenta tempestuosa.

Aude às múltiplas origens da crise de trabalho, ao desenfreado egoísmo dos industriais, que se locupletaram com grandes lucros e construíram fabulosas fortunas à custa da miséria popular, e surge-se também contra a esmola: o operariado, que tanto tem trabalhado e sido roubado, não deve esmolar aos seus exploradores, mas sim exigir o seu direito à vida, a sua cota parte de alimento, a sua felicidade e liberdade. Explica as demarches que a U. S. O. tem efectuado junto das entidades oficiais, no sentido de se conseguir, por intermédio das obras do porto de Leixões, trabalho para muitas dezenas de famílias—atuando ao mal.

Um brilhante discurso de Serafim Lucena segue-se Serafim Cardoso Lucena, que se regozija pela organização operária lançar mão deste assunto. Se esse comício, o primeiro da série que a U. S. O. vai realizar, não tem aquela numerosa assistência que seria para desejar, isso não significa, contudo, que os outros não venham a ter uma comovente importância.

Alongando-se na história da actual crise operária, analisa, detalhadamente, todos os trus e todos os trusts do comercialismo e industrialismo. Para eles contribuiu enormemente o próprio proletariado, trabalhando além do horário normal, horas de mais, sem reparar que com isso cavava a sua própria ruína. Se não fosse os grandes stocks que os trabalhadores irrefletidamente construíram, os industriais não fechariam agora as portas das oficinas e fábricas. Por essas vitrines, por essas montanhas, por esses depósitos além vés a «fartura», a acumulação dos artigos manufacturados, os tais stocks de que os industriais estão abarrotados: é que se não trabalhava de harmonia com o consumo.

Depois de fazer uma dissertação rápida sobre a burguesia dos países escandinavos, Inglaterra, etc., que a considera mais inteligente e mais respeitadora da vida proletária, afirma que nos referidos países os operários auferem uns salários incomparavelmente maiores do que os portugueses, muito mais compatíveis com as exigências da alimentação, do abrigo e do agasalho—não caído, logo aos primeiros embates da chomage, numa degradada scena de miséria e de pedinheira.

Em Portugal, porém, sendo mais estúpido o capitalismo e mais ladravaz, não pode ver que um operário frequente de quando em vez, um mais assediado estabelecimento de alimentação, que a sua refeição saia um pouco do vulgar, que ande um pouco mais bem arranjado e conforme os requisitos da higiene e do conforto: daí o provocarem o desemprego com o firme propósito da rebaixa de salários—é a falência incontestável da burguesia portuguesa, como a espanhola, a italiana e as de outras nacionalidades onde o seu golpe de vista é mais tacaño.

Repudia, igualmente, a ideia da esmola: não é com caldeiras que se resolve a crise de trabalho; não faz sentido que, logo na primeira semana de crise, em vez de se seguir para os sindicatos, para que a organização operária directamente tratasse de tão magno e tenebroso problema—se caísse antes no triste caminho de mendigar esmola aos nossos opressores. A crise de trabalho só terminará quando o povo trabalhador tomar conta das fábricas e das oficinas, das minas e dos campos, de todos os meios de transportes terrestres e marítimos, etc. O nosso grito contra a chomage imposta pelo capitalismo deve ser: «pão, trabalho ou revolução».

#### Usa da palavra Anastácio Ramos

Anastácio Ramos discorda da desculpa dispensada aqueles que não concorreram ao comício: a maioria dos desempregados não compareceu por uma questão de covardia. Talvez amanhã vão assistir à recepção do presidente da República... Cál, depois, a fundo sobre as tranqüilidades dos comerciantes e dos industriais, referindo-se às riquezas fabulosas que tem arrancado à miséria de milhares de lares trabalhadores.

Numa interessante evocação do passado, relembra quando, num comício promovido pela organização operária contra a carestia da vida, a especulação dos acaparamentos da produção humana, chamara suínos aos comerciantes da rua de S. João, para quem seria preciso uma faca até às gúelias. Toda a gente, nessa ocasião, aplaudiu as suas frases, entendendo, portanto, que de facto os comerciantes eram, e são, suínos.

Agora esses comerciantes devem estar bem vingados, plenamente satisfeitos, ao constatar que muitos daqueles que protestaram contra a sua atitude de verdadeira rapina, lhes vão pedir esmolas mui humildemente.

Esses milhares de operários de ambos os sexos deviam de vir ali e, a seguir, espalharem-se pelas principais artérias da cidade, mostrando bem os seus androjos, para que a burguesia se revesse na sua tenebrosa obra. Os famintos, os desempregados, devem manifestar-se ruidosamente, revolucionariamente, pois é preferível morrerem assassinados pela força pública a sermos os assassinos de nós próprios, deixando-nos perecer de fome.

Se quando os industriais pela primeira vez disseram que não tinham trabalho para dar, os operários castigassem condignamente os detentores das fábricas e das oficinas—certamente não se chegaria a este caos.

Afirmando que os industriais e comerciantes não são republicanos, diz que o Estado podia, sem dispêndio de um centavo, dar trabalho aos desempregados, realizando obras tais como a compostura e a abertura de estradas. Os comerciantes e industriais, que são muito patriotas, depois de roubarem o país impunemente, colocaram nos bancos de Londres centenas de milhares de libras; pois bem: o Estado devia obrigá-los a que eles retransferissem o capital para cá e dele extraísse uma percentagem obrigatória para o custeamento dos serviços públicos destinados a empregar os desempregados, enquanto as fábricas não reabrissem.

Quando a ficção parlamentar, declara: «Dizem que os parlamentares são para tratar do bem da nação, do povo; e, afinal, agora o parlamento abriu-se, não para se ocupar de tanta tragédia, crise de trabalho, mas da questão pessoal entre Homem Cristo e Leonor do Coimbra».

Feitas algumas afirmações revolucionárias, termina por asseverar que a actual situação de miséria e de chomage só terminará quando se fizer a revolução como há sete anos teve lugar na Rússia.

Usa também da palavra um antigo elemento da classe dos tecelões, hoje infelizmente cego, que exterioriza a sua revolta contra o presente estado de coisas.

#### A moção aprovada pelo comício

Saúl de Sousa lê, a seguir, a moção da U. S. O., assim concebida:

«Considerando que a crise de trabalho, que actualmente assombra as indústrias e a vida dos trabalhadores, só ao industrialismo se deve, porque acima do desenvolvimento e da perfeição das mesmas antepõem os seus anseios da ganância, não prevendo o resultado ruinoso que daí advinha no futuro;

Considerando que essa ganância, longe de desagregar, muito pelo contrário se vem acentuando com uma maior violência, lançando, à sombra da actual baixa cambial, à rua os seus operários, encerrando as fábricas e oficinas sem que o Estado intervenha, forçando os industriais a terem mais respeito pelos seus escravos—à custa dos quais têm atulhado de ouro os seus cofres;

Considerando que milhares de trabalhadores e suas famílias, que responsabilidade alguma têm do descalabrado a que o país chegou, estão sofrendo os negros horrores da fome, sem que até este momento o Estado cumpra com o seu dever para com as forças vivas, forçando-as a conservar abertas as fábricas e oficinas;

Considerando que os trabalhadores, em face da doutrina já exposta nos anteriores considerandos, têm que, por intermédio da sua organização, proclamar bem alto o seu direito à vida, não aceitando a esmola que avilta e escalda a mão calosa do produtor;

Considerando, finalmente, que os trabalhadores não exigem sacrifícios a ninguém, mas simplesmente reclamam trabalho ou

pão; o povo do Porto, reunido em comício público a convite da U. S. O., resolve:

1.º Desenvolver entre todo o proletariado uma constante agitação, no sentido de exigir dos industriais a reabertura das fábricas e oficinas encerradas, bem como a normalização de trabalho naquelas que funcionam apenas alguns dias;

2.º Realizar, para este efeito, em todos os sindicatos reuniões magnas, a fim de, após o estudo necessário e de harmonia com as condições de cada sindicato, e ainda segundo o parecer apresentado pela C. G. T.—se pôr em prática os meios que se julgar convenientes para atingir o fim desejado;

3.º aguardar, entretanto, os trabalhos que a Comissão da U. S. O. está realizando junto das diversas entidades, no sentido de, transitoriamente, atenuar a enorme chomage que se vem acentuando;

4.º que este comício seja o início de outros a realizar, tendo por objectivo um movimento de carácter geral e nacional tendente a, duma forma definitiva, assegurar a normalização da vida dos trabalhadores.

Depois de aprovada por uma vibrante salva de palmas e do presidente proferir mais algumas frases, o comício encerra-se aos vivas à organização operária, A Batalha, Juventude Sindicalista, Internacional de Berlim, etc., todos bastante correspondidos.

Também houve alguns vivas à I. S. V.

#### Sindicato U. da Construção Civil

O conselho administrativo deste organismo torna público que em virtude da crise que se está atravessando actualmente, se encontra na sede todos os dias, das 9 às 11 horas da manhã, um delegado do conselho de secções a fim de inscrever todos os sócios que se encontram sem trabalho, no sentido de a comissão que junto das entidades competentes tem tratado da abertura das obras particulares e do Estado lhes obter imediata colocação.

A inscrição só será feita mediante a apresentação da caderneta profissional.

#### Manufactores de calçado

A direcção do Sindicato dos Manufactores de Calçado, na sua última reunião apreciou a crise que a classe está atravessando e constatou que por esse motivo alguns industriais se estão preparando para diminuir nos preços da mão de obra.

A direcção, analisando o que esta atitude tem de grave, exorta todos os componentes da indústria a que se oponham por todos os meios a que tal facto se dê, assim como, para dar cumprimento às resoluções tomadas, convida os camaradas que estão sem trabalho a comparecerem na sede do sindicato a inscreverem-se para bom andamento de todos os trabalhos.

Amanhã reúne a classe em assembleia magna para apreciar tal grave assunto e resolver o caminho a seguir.

#### Compositores e impressores tipográficos

Reuniram em conjunto as suas direcções que se ocuparam da crise de trabalho nas respectivas classes, deliberando encetar demarches no sentido de atenuar a, devendo prosseguir a discussão do assunto numa reunião que se deve realizar na próxima quinta-feira.

#### Aos impressores

A direcção do Sindicato dos Impressores Tipográficos convida os componentes da classe, quer sejam sócios ou não, que se encontrem desempregados ou não trabalhem as semanas completas, a inscrever-se no Sindicato, a fim de poderem ser iniciados trabalhos para atenuar a crise existente na indústria.

Os cadernos de inscrição estão patentes, hoje e amanhã, das 21 às 23 horas, na sede sindical, calçada do Combro, 38-A, 2.º

#### O PESSOAL DE CAMARAS INAUGUROU UMA ESCOLA

O Sindicato do Pessoal de Câmaras inaugurou anteontem na sua sede uma escola para ambos os sexos, destinada aos filhos dos sócios, tendo realizado uma sessão solene que teve lugar às 14 horas.

Vários sócios, usando da palavra, encareceram a vantagem de tal melhoramento, frisando que é um dever dos sindicatos contribuir na medida das suas possibilidades para a difusão da instrução, não se preocupando apenas com as questões meramente materiais. Os oradores foram muito aplaudidos pela numerosa assistência.

#### Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

#### CONSULTAS NO PORTO

O advogado dr. Campos Lima dará hoje consultas no Porto, na sede da U. S. O., a todos os operários confederados, que deverão apresentar a respectiva caderneta confederal em dia.

#### FESTAS ASSOCIATIVAS

#### Os Estivadores do porto de Lisboa comemoraram o aniversário da sua associação

Anteontem comemorou-se o 14.º aniversário da fundação da Associação dos Estivadores do porto de Lisboa.

Inaugurava-se um posto médico, que vem beneficiar a classe pelos desastres um tanto frequentes naquela profissão. O posto, muito bem montado, demonstra o interesse que ele merece àquela Associação, que não se poupou a esforços para o dotar com o material indispensável. Falaram sobre as suas vantagens o médico e vários sócios, deixando a assistência bem impressionada.

A tarde realizou-se uma sessão solene, estando as salas literalmente cheias, tendo usado da palavra representantes de diversos organismos, saudando a Associação dos Estivadores e louvando a sua útil iniciativa, decorrendo a sessão com grande entusiasmo.

As instalações daquele Sindicato encontram-se todas na melhor ordem e perfeito estado de higiene.

Fechou esta festa, que muito veio animar todos os componentes da classe, com uma recita em que tomaram parte vários guitarristas e cantores de fados e canções.

## Vida Sindical

### C. G. T.

#### Comité confederal

Reúne amanhã, pelas 20 e meia horas.

### U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne hoje, às 20 horas.

#### COMUNICAÇÕES

**Federação dos Trabalhadores Rurais — Comissão Administrativa.** — Apreciou o expediente entre o qual um ofício dos Rurais de Beja, sendo resolvido baixar à próxima reunião do conselho federal assim como o de Fronteira. Apreciou os relatórios dos delegados que saíram em missão de propaganda a Santana do Campo, Sabugueiro e Vale de Vargo, sendo tomados em consideração. O delegado que foi a Vale de Vargo lamentou o estado da organização na região de Beja, devido à propaganda nefasta de alguns elementos que se encontram ainda à frente dos sindicatos, sendo informado que os mesmos, na sua propaganda, tem atacado a organização sindical e até o jornal A Batalha, incitando a comissão administrativa a efectuar sessões de propaganda a fim de desmascarar aqueles falsos elementos.

**Foguetiros de Mar e Terra.** — Em assembleia geral foi aprovada por unanimidade, depois de algumas emendas, o estatuto da caixa de assistência e previdência aos oficiais e tripulantes da marinha mercante portuguesa de longo curso e cabotagem. Foi também aprovada uma moção da direcção, para que se elegesse uma camarada com habilitações para escriturário permanente, ficando com as atribuições correspondentes ao seu cargo e tratar de todos os assuntos referentes aos rebuques em virtude do respectivo delegado não ter tempo para se desempenhar dessa missão, sendo nomeado João Mendes da Silva.

Sobre a indisciplina constatada nestes últimos tempos com alguns componentes do sindicato, o delegado da classe, António Brás, fez uma longa palestra educativa e ideológica, sendo aplaudido por toda a assistência.

**Compositores e impressores tipográficos.** — Na reunião conjunta de direcções para apreciar a crise de trabalho, pelo delegado da Associação dos Compositores à comissão executiva do último movimento pró-aumento de salário nas casas de obras foram presentes as contas respectivas, que vão ser examinadas pelas direcções dos sindicatos interessados nesse movimento, após o que serão levadas à apreciação duma assembleia magna.

**Operários Alfaiates.** — Reuniu a direcção e mais corpos gerentes que aprovaram a resposta a dar ao antigo professor da aula de corte desta associação, sr. Maia, acerca dumas insinuações que este senhor publicou no Diário de Lisboa de 4 do corrente.

#### CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

**Federação dos Empregados no Comércio — Junta Sul.** — Pelas 21 horas.

**Federação do Livro e do Jornal — C.** — Secretariado, às 21 horas.

**Cocheiros.** — A assembleia, pelas 21 horas, para apreciar as «demarches» sobre aumento de salário.

**Sindicato Unico Metalúrgico.** — A comissão pró-presos, às 20,30.

**Impressores Tipográficos.** — A direcção e comissões da bandeira e pró-A Batalha, às 21 horas.

**Chauffeurs do Sul.** — Pelas 21 horas a assembleia geral para apreciação dos alvites a propor para o novo Regulamento sobre a circulação dos automóveis.

**Oficiais da Marinha Mercante.** — A assembleia geral extraordinária, pelas 15 horas, para tratar de assuntos da pesca e outros de responsabilidade.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

**S. U. Metalúrgico.** — Pessoal da Parceria dos Vapores Lisbonenses. — Amanhã, às 17 horas, na sede do sindicato.

**JUVENTUDE SINDICALISTA**

**Federação.** — Reúne amanhã pelas 20 horas, o comité federal.

**Núcleo de Lisboa.** — Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão revisora de contas.

**Conselho Técnico da Construção Civil**

Reúne amanhã, pelas 20,30 horas, em 2.ª convocação, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados devido à importância dos assuntos a tratar.

**CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL**

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

**LIMAS**

As melhores são as da União.

Tomé Felteira, Vieira de Loria.

Pedir em todas as lojas de ferragens.

Em preços e condições de melhor qualidade.

MARCAS REGISTRADAS

Pedidos nos nossos Representantes e Depo-

sitários em Lisboa srs. Ferreira & C.ª, Lda—Gol-

ada do Marqu